

# De pé diante do Filho do Homem

**Por: Maria Clara Bingemer**

Paradoxalmente, o fim do ano cronológico é o começo do ano para os cristãos. Celebrada que foi a festa de Cristo Rei, entramos agora no tempo do Advento, um tempo, acima de tudo, de esperança e de espera. Espera do novo que virá e que já envia seus sinais para excitar em nós a tensão fecunda e vigilante da espera. Para convidar-nos a levantar a cabeça, olhar para frente e ficar de pé.

Advento é vinda, chegada, aparecimento, começo. É a celebração do sentimento que sustenta a humanidade para suportar tudo aquilo que a acabrunha e a coloca cabisbaixa, na espera do novo que se anuncia e que vem. É para testemunhar essa espera vigilante que a Igreja Católica anuncia o tempo do Advento como início, primeira divisão do ano litúrgico, período das quatro semanas antes do Natal, durante o qual os fiéis são convidados para a preparação espiritual compatível com a festa que celebrarão em cinco semanas: a festa de um Deus que não se contenta em criar e retirar-se, mas que faz aliança e se aproxima sempre mais amorosamente da obra de suas mãos até fazer-se carne e ser encontrado como um de tantos, encarnado, criança nascida de mulher.

O Advento nos relembra que apesar de tudo que acontece, das guerras loucas e sem sentido, da violência urbana que transforma a vida dos cidadãos em uma rotina de medo e ocultamento, da falta de sentido que parece querer tragar e envolver a experiência de vida e plenitude, é preciso não perder a capacidade de desejar. É preciso não apagar o ardor do coração e das entranhas. É preciso não deixar de olhar para frente, para o horizonte, para o futuro aonde, a qualquer momento, pode delinear-se a figura d'Aquele que vem para renovar a face da Terra e anunciar a boa nova.

O tempo do Advento é o tempo em que se espera ativamente. Esperar crendo que o Senhor vem e cumprirá as promessas feitas a Israel desde os inícios de Sua Aliança nunca revogada. Esperar que, em meio à injustiça, Ele tem poder para fazer brotar a semente da justiça na casa de David. Esperar que Jerusalém - quase ironicamente a cidade da paz - poderá, enfim, ter paz e cumprir sua vocação: ser a cidade onde todo homem nasceu e onde estão todas as fontes da vida.

No mundo que ao longo do ano de 2003 viu estourar mais uma guerra devastadora, que viu defraudarem-se esperanças de todos os lados, onde decepções tomaram o lugar das mais legítimas expectativas, onde pais assassinaram filhos e filhos conspiraram a morte dos pais. Num mundo onde, trucidados pela pressão mortífera do mercado, pais de família honrados mataram a família que amavam e a si próprios por não terem mais condições de manter-se na ciranda consumista. No mundo onde o terror pareceu ganhar a partida e o bem ser confinado a um espaço cada vez menor. Neste mundo, o Evangelho nos diz que é tempo de Advento.

Tempo de levantar-se e erguer a cabeça, crendo que a libertação está próxima. Erguer a cabeça na vigilância de quem crê que o caminho não é deixar-se escravizar pelos vícios, pela gula, pela embriaguez, pelas preocupações da vida. Erguer a cabeça e ficar atentos.

A atenção é um êxtase, uma atitude de fé, daquele ou daquela que espera o que ainda não vê. Mas percebe os sinais que se anunciam e se fazem próximos. E não permite que a onda

frenética do consumismo pré-natalino anestesia o ardor de sua espera e sobretudo de sua esperança.

A um Brasil combalido e cabisbaixo pelas dificuldades enfrentadas ao longo deste ano onde o novo tem às vezes um preço alto a pagar, o tempo do Advento recomenda atenção e vigilância. É preciso, é indispensável, a fim de ter forças para ficar de pé diante do Filho do Homem. Se, como dizia Santo Irineu de Lyon, a glória de Deus é o homem vivo e a glória do homem é a vida em Deus, o tempo do Advento que ora iniciamos incita a olhar para frente. O que se anuncia, o que é esperado, o que vai nascer, infeccionará a miséria com vida nova e sadia. E invadirá a treva da desesperança com o raio luminoso da presença do divino em meio à ambigüidade humana.